

FELIPE MARTINEZ

NÃO É HORA DE APONTAR CULPADOS

NÃO É HORA DE APONTAR CULPADOS

FELIPE MARTINEZ





Foto: Anderson Martins

Natural de Porto Alegre (RS), Felipe Martinez é diretor, ator e dramaturgo. Bacharel em Artes Cênicas – Direção Teatral pela Universidade Federal de Santa Maria, foi homenageado com a Medalha do Mérito Teatral Edmundo Cardoso pela Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (2013), por suas ações em favor do teatro e da cultura. Já trabalhou com tradicionais grupos de teatro de Santa Maria e é administrador do Espaço Cultural Victorio Faccin.

Não é hora de apontar culpados é um grito que ecoa pelas ruas da América Latina, desafiando as convenções e revelando as feridas de um continente marcado pela história da exploração e pela resistência dos povos. A peça de Felipe Martinez propõe um mergulho profundo nas realidades muitas vezes invisíveis das classes trabalhadoras e das pessoas marginalizadas, que, apesar das dores do passado e do presente, continuam a lutar pela sobrevivência, pela memória e pela identidade. Cada cena de Não é hora de apontar culpados nos questiona: até onde a sociedade pode ir antes de perder a sua própria essência?



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



*Aos irmãos e às irmãs das
américas roubadas.*

©Praxila Editorações, 2025.

Esta obra está registrada de acordo com os termos e normas legais da Lei n 9.610/1998 de Direitos Autorais Brasileiros.

Edição e Produção editorial: Daiani Brum

Produção executiva: Aline Ribeiro

Revisão: Isabel Scremin

Projeto gráfico e diagramação: Mariliz Focking

Fotografia da capa: Carlos Donaduzzi

Financiamento: Edital n° 002/2024 - Artes e Economia Criativa
- Política Nacional Aldir Blanc - Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinez, Felipe

Não é hora de apontar culpados [livro eletrônico] / Felipe Martinez. --1. ed. --
Santa Maria, RS : Praxila Editorações, 2025.

PDF

ISBN 978-65-982261-8-3

1. Dramaturgia 2. Monólogos 3. Teatro brasileiro

I. Título

25-266269

CDD-792

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB 1/3129



Praxila Editorações

praxilaeditoracoes.com

Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Sumário

Apresentação	7
Breve nota prática	9
Que horas são?	12
Sul do sul	13
Charrua	15
Nós que produzimos	19
Página virada	23
Francisco	27
Não é hora	33
História da américa	36
A dor	38
Alvo	42
Check-in	45
O amor em nós	48
Ao seu lado	52

Apresentação

Nesta peça visceral, Felipe Martinez traça um retrato da América Latina, explorando as dores, os conflitos e as heranças de um continente marcado pela resistência e pela exploração. Com uma linguagem crua, o autor nos conduz por uma sequência de cenas que revelam as realidades da vida em suas minúcias: a exaustão do trabalho repetitivo, as profundas cicatrizes da colonização, as memórias invisibilizadas, as relações de poder e as injustiças estruturais.

Em *Não é hora de apontar culpados*, as leitoras e os leitores são levadas/os a confrontar sua própria identidade ao lado de personagens que buscam um lugar no sistema que as marginaliza e as exclui. Aqui, não há respostas prontas, apenas uma constante busca por pertencimento e pela compreensão de um mundo onde os que produzem nada possuem; mas, afinal de contas, a vida é de quem mesmo? O que fazemos com ela?

Do sul do sul, da história da América à dor de um povo, cada cena é uma convocação ao questionamento e ao enfrentamento das duras realidades que formam as nossas percepções. Esta obra é um grito urgente, mas também uma poesia

de resistência compartilhada com o público, parte ativa da narrativa proposta. É uma escrita que, embora pronta, se constrói no momento de sua representação, lembrando a força de quem, ao mesmo tempo, se reconhece nas cicatrizes da história e se perde nelas, em busca de pertencer à realidade com coesão.

Felipe Martinez, com sensibilidade e precisão, nos apresenta uma obra de relevância mundial, que ecoa os gritos e os silêncios de uma América Latina em constante transformação e resistência.

Daiani Brum

Breve nota prática

Aos que quiserem encenar e também aos que quiserem só saber um pouco mais desta obra, acho importante dizer que escrevi este texto pensando em um monólogo; porém, ele pode ser adaptado para quantos atores e atrizes for desejado. A linguagem da escrita é livre, assim como a montagem também deve ser. Não se preocupe com regras, não busque coerências, não tenha medo de experimentar. Esta é uma peça-denúncia que visa sensibilizar, comunicar, despertar o público e, quem sabe, até fazê-lo rir um pouco.

Os textos se alternam entre a dramatização de situações e a relação direta com a plateia. Ainda assim, há pouca orientação sobre isso, o que significa que cada um pode interpretar as cenas como quiser; no entanto, reforço que o diálogo direto com o público é uma proposta para que não haja dúvidas quanto ao diálogo com cada espectador, que representa nossa sociedade.

A alternância de interlocutores dentro de uma mesma cena também pode ser definida e entendida conforme for desejado. Evitei o excesso de detalhamentos pois, assim, há maior margem para diferentes interpretações, ao mesmo tempo que se mantém um texto fluido, tanto para a montagem quanto para a leitura.

Não é hora de apontar culpados

A peça foi escrita em 2025 e todas as informações contidas nela estão de acordo com dados desse período, mas é importante perceber a situação conforme o momento da montagem e, se necessário, atualizar as informações, o que, espero, aconteça para melhor e não para pior.

Felipe Martinez

Não é hora de apontar culpados

NÃO É HORA DE APONTAR CULPADOS

Felipe Martinez

*Esta peça foi escrita com sangue, suor e lágrimas
latino-americanas.*

CENAS

1. Que horas são?
2. Sul do sul
3. Charrua
4. Nós que produzimos
5. Página virada
6. Francisco
7. Não é hora
8. História da américa
9. A dor
10. Alvo
11. Check-in
12. O amor em nós
13. Ao seu lado

Cena 1

QUE HORAS SÃO?

(Esta é uma cena sem texto. Um homem está deitado em uma cama, levanta-se ainda um pouco tonto, veste uma máscara de enorme sorriso e sai em movimento. Ele executa uma coreografia até uma cadeira, senta-se e faz movimentos dançados, como se estivesse trabalhando em vários computadores ao mesmo tempo. Levanta-se, volta até a cama, deita-se, tira a máscara e dorme. Poucos segundos depois, ele se levanta e faz tudo novamente, em uma coreografia ritmada e repetitiva, como se diversos dias se passassem. Os movimentos aceleram-se até a exaustão máxima, momento em que ele desaba na cama uma última vez, ainda com a máscara, e não se levanta mais. As ações de trabalho podem ser substituídas por outras tarefas e contextos. O objetivo é criar uma situação de rotina exaustiva, com pouquíssimo tempo para descanso. Além disso, é muito importante que a personagem coloque a máscara para o trabalho e tire-a para o descanso, exceto na última vez, em que se deita e fica com o rosto sorridente, virado para a plateia.)

Cena 2

SUL DO SUL

Do sul do sul
do mundo.

Lá embaixo,
na ponta debaixo.

Ainda há mundo?

Eu vim do sul do mundo
e posso dizer:
talvez eu não seja o que você está esperando.

Meu sangue é latino,
mas não sou filho de espanhóis nem de portugueses.

Não posso tirar passaporte italiano e minha avó
não falava alemão.

Sou filho da terra,
do sangue,
do abuso
e da dor.

Não é hora de apontar culpados

Eu sou do sul do sul do mundo,
com raízes invisíveis,
mas que se entranharam profundo
e me fizeram ser quem eu sou.

Sou americano
do sul.

Terra que me deu um norte.

Tenho milhões de irmãos e irmãs,
filhos deste continente,
que de forma tão conveniente
alguns chamam de “terceiro mundo”.

Somos tão próximos
e tão distantes.

Tão singelos,
tão deslumbrantes.

Mas por que seguimos tão usurpados?

Ah,
me desculpe,
ainda não é hora de apontar culpados.

Cena 3

CHARRUA

Mariano é um jovem rapaz uruguaio.

Em suas veias corre sangue charrua.

Ele pouco sabe disso.

Mas não interessa,
ele tem outras prioridades.

Seus ancestrais

montavam em cavalos com agilidade quase
sobrenatural.

Um homem indígena,

pendurado na lateral do animal,

segurava uma lança com tanta força que se tornava
quase imbatível.

Com agilidade avançava de uma forma

que os inimigos não conseguiam combatê-lo.

Os ancestrais de Mariano eram guerreiros ferozes
e temidos.

Povo charrua.

Foram dizimados pelos espanhóis em uma emboscada.

Google: charrua.

(voz off) “Charrua é um refrigerante vendido pela *The Coca-Cola Company*, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.”

Obrigado.

(Pausa.)

Mariano sobe em sua moto.
Cheiro forte de gasolina.

Montado, ágil e feroz, corta as ruas de Montevideu para fazer entregas através de um aplicativo de *delivery*. *Delivery*, uma palavra importada. Sabe o que isso quer dizer...?

“Corre, *hijo de puta!*”

Corre!

Ponteiro sobe com força.

Sangue charrua ferve.

Corre!

Fumaça no ar penetra o peito que insiste em bater.

Corre, filho da puta!

“Corre, que meu pedido tá atrasado!”

Não é hora de apontar culpados

E ele correu. Talvez mais do que nunca, ele correu.

Só que chovia.

Pista molhada.

Perna esmagada.

Quebrada.

Triturada.

Ao chão.

Escuta a sirene.

Escuta.

Acalma.

Acalma.

É melhor não se mexer.

É melhor...

Porque pode ser preciso amputar. (*Risadas.*)

Ninguém mexe na minha perna!

“Mexe, sim, senhor!

Cala a boca!”

(*Pausa.*)

Serão seis meses sem trabalhar.

Sem receber.

Não é hora de apontar culpados

Engole o choro.

Tu tens direito a nada.

Quicá, tua memória.

Agora levanta.

Tem mais gente precisando de hospital.

Levanta, Mariano.

Levanta.

Levanta!

Levanta, povo charrua!

Cena 4

NÓS QUE PRODUZIMOS

(Som de uma sirene.)

O barulho anuncia um precioso e aguardado momento: a hora do almoço!

Serão impressionantes quinze minutos para você se deliciar.

Quinze minutos só para o almoço!

Considerando que é razoável fazer uma refeição em cinco minutos, ainda sobram incríveis dez minutos, nos quais você pode aproveitar para descansar, usar o celular, ir ao banheiro ou até mesmo cochilar. Sim! Você pode dormir no trabalho, basta querer!

Esse é o tempo ideal para que você não perca o foco e, ao mesmo tempo, a produção se mantenha constante.

Mas, ainda assim, é um tempo somente seu.
Um tempo para cuidar de si.

Porque somos uma empresa feita de pessoas, e pessoas precisam de cuidados.

Chegamos ao Chile justamente por este motivo: melhorar a vida das pessoas!

Somos uma empresa fundada há mais de cem anos, na Inglaterra, uma empresa criada no quintal de casa. Os negócios se expandiram pelo mundo e agora estamos aqui. Nossa história e nossa tecnologia vieram para impactar milhões de pessoas. Cada vez mais países da América Latina vão conhecer esse legado de...

(Sirene.)

Oh!

Acabou o intervalo.

Eu poderia falar muito mais sobre nossa empresa. Mas o trabalho precisa continuar, para que tenhamos cada vez mais histórias para contar.

Vamos ao trabalho!

Nós que produzimos... não possuímos nada.

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Não é hora de apontar culpados

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Como é possível ser feliz se, quando coloco a cabeça
no travesseiro, só consigo pensar em como vou
fazer para pagar todas as minhas contas?

Como é que você espera saúde mental de uma pessoa
que nunca sabe se vai ter dinheiro até o fim do mês?

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Eu fui assaltado.
Levaram tudo.

Tudo o que eu tinha
e até o que eu teria.

Eles não deixaram nada.

São poderosos
e espertos.

Não é hora de apontar culpados

Entraram pelo *smartphone*.
Muito espertos.
Levaram tudo.

Encheram minha cabeça,
esvaziaram meus bolsos.

Lamento, mas
expressões em inglês não traduzem o que eu sinto.

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Nós que produzimos,
não possuímos nada.

Cena 5

PÁGINA VIRADA

Tragam-me mais!
Tragam-me mais!
Tragam-me mais!
Não há tempo a perder.

Merlot.
Malbec.
Tannat.
Cabernet.
Enchanté, monsieur!

A taça transborda.
O cobre reluz.
A tradição da família.
O lucro, a luz.

Tragam-me mais!
Tragam-me mais!
Todo o tipo de gente!
O trabalho se faz
plantando a semente.
O choro se engole,
já foi a corrente.

Agora trabalha
e fica contente.

Merlot.

Malbec.

Tannat.

Cabernet.

Enchanté, monsieur!

Choques.

Tiros.

Spray de pimenta.

A safra é boa,
levanta, aguenta.

Situação degradante.

Excusez-moi, monsieur.

Eu quero espumante!

Duzentos e dez
trabalhadores.

Tragam-me mais!

Tragam-me mais!

Duzentos e dez
foram encontrados.

Não é hora de apontar culpados

Havia mais!

Havia mais!

Duzentos e dez
escravizados!

(Pausa brusca, transforma-se completamente.)

Não!

Jamais.

Não compactuamos com isso.

Houve um engano.

Não somos culpados.

Repudiamos veementemente qualquer tipo de
violação de direitos.

Nossa família carrega não somente um sobrenome
italiano, mas o legado centenário de uma tradição
construída com muito respeito por todos os
trabalhadores.

Sou da quarta geração da família na administração
desta vinícola.

Ao lado dos meus dois primos.

Temos um lema entre nós, quase um mantra:
sobrenome não garante emprego.

Não é hora de apontar culpados

Estou aqui, na posição que ocupo, porque quis e me preparei para isso. Eu nunca iria colocar tudo a perder dessa forma.

Temos o selo GPTW – Great Place to Work!

Não se preocupem. Vamos intensificar os cuidados! Todo aquele que for contratado será amplamente vigiado.

Vamos em frente!
Tragam-me mais!
Tragam-me mais!

Não desanimem.
Provem as uvas.
Bebam o vinho.

O tempo vai apagar tudinho.

Página virada!

Um brinde à justiça!
Cabernet blanc, é claro!

Cena 6

FRANCISCO

Daniel:

Não é a vida que eu pedi a Deus, mas é a vida que Deus me deu.

Narrador:

Daniel repetia essas palavras quase diariamente para Francisco, seu filho de sete anos.

Eles saíam cedo de casa, um barraco na periferia de Buenos Aires. Clara, a mãe, ficava em casa cuidando de Ysabella, com quatro anos, e dos gêmeos Pablo e Patrício, com menos de um ano.

Eles foram desalojados da casa onde viviam antes, que também era pobre, mas pelo menos um pouco menos pobre do que a atual.

Mas sabem como é:

construção de um grande empreendimento,
por uma grande construtora
de um grande país,
que vai trazer um grande progresso.
Basta pensar grande.

Daniel:

Pode ir de bicicleta, mas cuida dela porque eu já tenho muito o que fazer!

(Ele brinca com o filho.)

Presta atençãoããooooo!

Preparar e... vai!

Dale, Franci! Dale!

El campeón, Francisco!

Vamos! Vamos!

Narrador:

Das oito às onze da manhã, eles reviravam lixeiras atrás de latas, garrafas plásticas e outras coisas que o pai carregava em uma carroça, onde guardava tudo o que podia revender por uns trocados. O filho o acompanhava com sua bicicleta. No caminho, a criança se distraía vez ou outra com algum brinquedo encontrado no lixo e, às vezes, pegava algum para levar para casa, assim como fizera com sua bicicleta um dia.

A partir das onze, eles chegavam no cruzamento de uma grande avenida, onde Daniel humildemente pedia moedas a cada sinal vermelho.

Daniel:

Por favor, señor, por favor, tengo hambre!

Não é hora de apontar culpados

Não! Franci! Não!
Na rua não.
Volta para a calçada!

(Daniel se desequilibra e quase é atropelado.)

Hijo de...!

Francisco:

Renault.

Chevrolet.

Fiat.

Esse eu não sei...

... BMW!

Ei, pai, BMW é de qual país?
Deve ser dos Estados Unidos...

Quando você for rico, compra um BMW para nós,
pai?
Pai!
Paaaaai!

Daniel:

Francisco! Eu já disse para não vir para a rua!
Pode deixar que eu compro um BMW. Pode
deixar... quando você fizer dezoito anos!

Narrador:

Depois de ficar horas debaixo do sol pedindo moedas, os dois comiam alguma coisa que tinham levado de casa e, com sorte, ainda bebiam restos de refrigerante encontrados nas lixeiras. No começo da tarde, Daniel levava o filho para a escola, onde ele sabia que a criança, além de comer, estaria bem cuidada. Já ele seguia pelas ruas, catando lixo ou pedindo moedas. Todos os dias a mesma coisa. Nos finais de semana era pior, pois não tinha escola.

Daniel:

Por favor, señor, por favor, tengo hambre!
Por favor!

Gracias, señora, muchas gracias, yo...

(Grande estrondo.)

Daniel não teve nem tempo de reagir. Quando as ondas sonoras invadiram seus ouvidos, já era tarde demais.

Daniel:

Franci! Franci!

Narrador:

Nada mais poderia ser feito.
O menino jazia na calçada.

Montado em sua bicicleta, Francisco sequer teve tempo de perceber o descontrole do veículo que despontou em sua direção. Na calçada.

As lágrimas de Daniel tocaram o corpo de Francisco antes mesmo de suas mãos, tamanho era o pranto do homem. Carregou seu filho nos braços como se ainda fosse capaz de protegê-lo. Tarde demais, ele sabia.

Há poucos metros, um jovem saía do veículo, cambaleando. Dentro do carro, um BMW zero quilômetro, havia três garrafas de *whiskey* norte-americano. Mas essa parte ninguém saberia. Até porque a polícia sequer revistou o carro.

O jovem era Sebastián Beltrán, filho de Carlo Beltrán, dono de um grande jornal do país.

Daniel continuava com o corpo de seu filho nos braços, enquanto a polícia dava um jeito de sumir com o filho de Carlo.

Ao lado, a avenida seguia seu fluxo. *Renault*, *Chevrolet*, *Fiat* e tantos outros que eu nem sei o nome aceleravam indiferentes à existência daquela tragédia.

Não é hora de apontar culpados

Quando a ambulância chegou, não havia nem mais cena do crime. Até mesmo o BMW já era retirado.

Daniel:

Não é a vida que eu pedi a Deus.

Não é a vida que eu pedi.

Não é a vida.

Não é vida.

Narrador:

Duas em cada três crianças na Argentina são pobres.

Quase 25 milhões de argentinos vivem abaixo da linha da pobreza.

Todos os dias um milhão de meninas e meninos vão dormir sem jantar na Argentina.

Cena 7

NÃO É HORA

(Um político está atrás de um púlpito, discursando. Ao longo de sua fala, ele veste roupas e usa alguns objetos. Primeiro, põe um colete laranja; depois, botas de chuva e, então abre um guarda-chuva, veste luvas, capa de chuva, entre outras coisas.)

É preciso olhar para frente.

Modernizar.

Evoluir.

Muros do passado não podem nos separar de um futuro que bate à porta e que urge chegar para mudar a sociedade. Leis que foram criadas no passado e que não dialogam com as demandas atuais do mercado precisam dar espaço para uma nova visão.

Não falamos em prejudicar o meio ambiente, falamos em acelerar propostas que façam nosso estado ser alçado a um novo patamar no cenário global.

Não podemos perder investimentos estrangeiros por causa de leis tão atrasadas.

Não é hora de apontar culpados

(A situação começa a mudar e o discurso se adapta ao mesmo tempo.)

É, como eu disse, não sou capaz de prever o futuro. Estamos fazendo o máximo possível para contornar a situação e, portanto, conto com a paciência de todos vocês.

(Cada vez mais paramentado.)

Esta é uma situação de guerra que ninguém podia prever.

Repito, não tínhamos como estar preparados, mas estamos fazendo o máximo possível.

Não temos como recuperar as vidas perdidas, mas vamos nos esforçar para salvar o máximo de pessoas.

(Totalmente paramentado.)

Não é hora de apontar culpados!

Não é hora de apontar culpados!

É preciso solidariedade, paciência e compreensão. Ninguém gostaria de chegar a este ponto. O que estamos vivendo é uma situação de guerra, eu já disse.

Não é hora de apontar culpados

(Desespero.)

Agora contamos com a ajuda de todos.

Mas repito:

não é hora de apontar culpados.

Não é hora de apontar culpados.

Vamos embarcar para a Holanda e vamos conhecer muitos projetos fantásticos para evitar enchentes!

Não é hora de apontar culpados.

Não é hora de apontar culpados.

As soluções são amargas, todos sabem. Mas aqui, na Europa, encontramos ideias impressionantes. Poderiam dar certo no Brasil, mas o povo não ajuda.

Não é hora de apontar culpados.

Não é hora de apontar culpados.

Cena 8

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA AMÉRICA

(*Excerto de **Dias e Noites de Amor e Guerra**¹, de Eduardo Galeano.*)

“Havia dois povoados indígenas que eram vizinhos. Viviam das ovelhas e do pouco que a terra dava. Cultivavam, em patamares, a ladeira de uma montanha que desce até um lago muito belo, perto de Quito, no Equador.

As duas aldeias tinham o mesmo nome e se odiavam.

Entre uma e outra havia uma igreja.
O padre morria de fome.

Uma noite enterrou uma Virgem de madeira e jogou sal em cima. Ao amanhecer, as ovelhas cavaram a terra e apareceu a Milagrosa.

A Virgem foi coberta de oferendas.
Das duas aldeias traziam alimentos, roupas e enfeites.

1 GALEANO, Eduardo. *Dias e noites de amor e de guerra*. Tradução de Eric Nepomuceno. 4ª. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 88.

Os homens de cada aldeia pediam à Virgem a morte dos homens da aldeia vizinha e, pelas noites, os assassinavam a facão. Dizia-se: 'É a vontade da Milagrosa'.

Cada promessa era uma vingança e assim os dois povoados, que chamavam Pucará, se exterminaram mutuamente.

O padre ficou rico.

Aos pés da Virgem tinham ido parar todas as coisas, as colheitas e os animais.

Então uma cadeia hoteleira internacional comprou por um punhado de moedas as terras sem ninguém.

'Nas margens do lago se levantará um centro turístico'." (GALEANO, 2012, p. 88).

Cena 9

A DOR

Karukasy.

Expressão em tupi que significa, literalmente, a “dor da tarde”. Aquele sentimento de melancolia e de certa tristeza que, muitas vezes, sentimos nesse momento do dia.

(Pausa.)

Ao criar uma palavra para definir algo, um povo nos mostra a sua forma de enxergar o mundo.

Aquilo que a gente mais fala pode ser o que melhor define a nós mesmos.

Google, qual é a palavra do momento?

(voz off) “Ansiedade foi eleita a palavra do ano em 2024, no Brasil.”

Obrigado.

An-si-e-da-de.

(voz off) “Dados de 2024 mostram que o Brasil tem o maior número de afastamentos do trabalho por ansiedade e depressão em dez anos.”

Obrigado, *Google*.

(voz off) “Os especialistas explicam que mulheres são a maioria por fatores sociais: a sobrecarga de trabalho...”

Eu disse: obrigado, *Google*!

(voz off) “... a menor remuneração...”

Google!

(voz off) “... a responsabilidade do cuidado familiar e a violência.”

Chega!

(Pausa. Pega uma espingarda e transforma-se violentamente.)

Vamos.

Anda.

Vamos.

Em fila!

Vamos!
Anda!
Armas apontadas.
Cheiro de pólvora.

Esplendoroso estrondo que mata o povo que não
sabia que assim se podia matar.

“É como roubar doce de criança.” (*Risadas.*)

Um, dois, três.

Mataram o cacique.
Violaram as mulheres e até mesmo as crianças.
Prenderam os homens.

Enterraram a dignidade de um povo debaixo de seu
próprio chão.

Escuta.
Fecha os olhos e escuta o grito das crianças.

Aqui, neste prédio de 27 andares, muito mais de 27
crianças choraram.

As unhas dos pequenos dedos cravaram marcas nas
pernas de sua mãe.
Mas a criança foi jogada longe.

Não é hora de apontar culpados

É um pequeno movimento de dedo que acaba com
o choro.
Imediatamente.

Cena 10

ALVO

Um corpo no chão,
negro.

Em pé,
um corpo branco.

Arma na mão.

O vermelho do sangue
escorria pelo asfalto
em silêncio.

Sangue igual ao sangue
que dentro do corpo branco pulsava.

Adrenalina.

O desejo se materializa,
o ódio vaza,
extrapola,
atira
e mata.

Não é hora de apontar culpados

E depois que mata vai dizer:

Muita calma!

Ele não é culpado!

Tem problemas

psiquiátricos,

entende?

Não se pode culpar:

policia militar aposentado.

Não se pode culpá-lo:

tem um longo histórico de atuação, matou gente de todas as cores.

Jamais vamos culpá-lo:

um corpo negro, ele nem conta como um.

Quem é que vai culpá-lo?

Fernando Dimas da Silva. Rapaz preto que se enganou e tentou entrar no carro de Jeremias Gonçalves Nobre, senhor branco, proprietário do veículo que avistou o jovem e atirou contra ele. Três vezes. Alegou pensar que se tratava de um assalto.

Segundos depois, o irmão de Fernando chegou ao local do crime e facilmente constatou a situação. Poucos metros à frente, havia um carro idêntico, um Sandero prata, carro que Fernando havia comprado há poucos meses para passear com o filho.

Mais um caso qualquer, em uma rua qualquer de um bairro qualquer, na cidade de São Paulo ou em qualquer outro lugar do Brasil e, quem sabe, da América do Sul.

Fernando se enganou de carro.
Jeremias, de alvo.

Ele podia ter perguntado uma vez.
Ele atirou três.

Não teve nem os braços algemados.
Porque todo mundo sabe que
não é hora de apontar culpados.

Cena 11

CHECK-IN

tô precisando de um job
pra trocar meu smartphone
e conseguir um outro job

fazer um date
com meu crush
que teve um burnout
e agora tá na bad

vou fazer minha skincare
pra meter aquela selfie
subir no insta
e depois eu fico down

jogo no google
ele diz que é fake news
mas no youtube
eu tive muitos views

eu passo o mouse
acerto a bet
e a timeline
vai no flow

wi-fi
check-in
whey e redbull

bye bye
ok
airfryer e maps

e-mail
whats
ifood
e mac

pet pet pet

CEO

call
baby
shopee é top

coach coach coach

show
impeachment
bullying
airbag
backup
pendrive

Não é hora de apontar culpados

online
feedback
layout
delivery

SOCIAL MIDIA

fast-food
slow-motion
happy-hour
best-seller
drive-thru
videogame
outdoor
press release
milkshake
shopping center
self-service

sorry
eu esqueci meu português
mas não sou colonizado
é que eu me amarro no inglês

CHECK-OUT

Cena 12

O AMOR EM NÓS

Paulo e Lúcia trabalhavam na mesma empresa, na cidade de Venâncio Aires.

Uma multinacional.
Você já ouviu falar.

Eles trabalhavam na lavoura de fumo.

Eles não trabalhavam na empresa.
Eles trabalhavam para a empresa.

Os dois.

Há casais que fazem jus àquele ditado brega: foram feitos um para o outro.

Mas dizer o quê?
O amor é muito mais brega que as histórias de amor.

CORTA!

Eu acho que não vai dar tempo para falar de amor...

CORTA!

Sete da manhã.

Paulo gritava em súplicas.

CORTA!

Ele sabia que não adiantaria nada, mas seguia pedindo.

CORTA!

Eles cortaram a corda que prendia o pescoço de Lúcia.

61 anos.

Muitos anos de trabalho.

Poucos anos de vida.

Casada.

Mãe.

Amava.

Era amada.

Às vezes é justamente o amor que faz a dor ser tão maior, não é mesmo?

Mas como deixar de amar só por ter medo da dor que se pode sentir?

O amor jamais vai combinar com cordas.

O amor jamais vai combinar com nós.

Mas eu já disse que não vai dar tempo para falar de amor!

(Pausa.)

Venâncio Aires, com 65 mil habitantes, teve 105 suicídios entre 2011 e 2017, média de 26,1 casos por 100 mil habitantes.

A cidade está na segunda colocação na contagem dos suicídios no país.

Do Brasil inteiro.

Venâncio Aires.

Segunda colocação.

As pessoas colhem fumo com as mãos e carregam as folhas embaixo dos braços, o veneno entra no corpo e provoca depressão. Depois, a doença se agrava e vêm os suicídios.

Parece coisa de filme!

Mas acho que você não verá isso na sessão da tarde.

Onze produtos usados nas lavouras brasileiras de fumo são feitos à base de substâncias banidas na União Europeia. Mesmo assim, é justamente a Europa o principal destino do tabaco exportado pelo Brasil.

Não é hora de apontar culpados

Para eles tudo bem se nosso povo morrer para produzir.

Eles só querem o produto.

A colonização não acabou.

Hoje ela tem *slogan* e logomarca.

Mais tarde, quando Paulo voltou para casa, a cama estava vazia.

Depois de poucos dias, ele já teve que voltar ao trabalho.

E todos os dias é obrigado a entrar no mesmo galpão onde a tragédia aconteceu.

São coisas da vida, disseram para ele.

Mas vida de quem mesmo?

Cena 13

AO SEU LADO

Eu queria dizer para a Carolina que as mulheres da Colômbia são fortes e que ela não precisa que a Disney crie uma personagem para confirmar isso.

Basta olhar para o lado, Carol, e você verá as mulheres mais fortes que conhecerá.

Eu queria dizer para o Ignacio que a camisa da Argentina é uma conquista muito maior para o Messi do que a camisa do Barcelona e que, se o mundo todo o chama de gênio, é porque qualquer menino argentino pode ser assim também.

Eu queria dizer para a Manoela que o sol que nasce no Paraguai é o mesmo que nasce em qualquer outro lugar e que ela nunca precisará ter vergonha de dizer de onde vem.

Para o Luis, que são os americanos que desejam a Venezuela e não o contrário.

Juan, se dependesse somente de seu povo, a Costa Rica seria o melhor lugar do mundo.

Rosa Maria, as flores sempre vão desabrochar e a desigualdade na Guatemala não é, nem nunca foi, culpa dos seus antepassados.

Madalena, as verdadeiras raízes da tradição gaúcha são indígenas e isso nos deve ser motivo de orgulho e respeito.

Eu queria dizer, para cada criança desta terra, que muitos heróis morreram para que nosso povo fosse realmente livre e, mesmo assim, ainda não o somos.

Homens e mulheres que, em sua maioria, não estão nas estátuas das praças.

Não dão nomes a nenhuma rua.

Sequer são personagens de um desenho animado.

Porque, mesmo que vocês não saibam, vocês nasceram em meio a uma guerra.

Talvez as bombas e os canhões de hoje sejam mais disfarçados, mas, acreditem, não são menos assustadores.

Pois, se um irmão ainda jaz, vítima desta guerra, é porque todos nós ainda estamos nela.

Você não precisa sentir a dor para perceber que ela existe.

Não é hora de apontar culpados

(Pausa.)

Sente a raiz.

Levanta a cabeça.

A questão não é sobre como ganhar.

Mas de qual lado você escolhe estar.

Gracias

y buenas noches.

Fim.

*Felipe Martinez,
março de 2025.*

Outros livros de Felipe Martinez:

Três peças para dois (Praxila Editorações, 2023);

Plástico Poder – Notas de uma criação (Edições da Folha, 2024 – Portugal);

O Circo do Mundinho Feliz (Praxila Editorações, 2025).

Outros livros de Praxila Editorações:

Palhaçaria no SUS (2024), de Daiani Brum;

Retrato de Augustine/Portrait of Augustine (2024), de Peta Tait e Matra Robertson, com tradução de Brígida de Miranda;

Uma viagem fantástica à cidade submersa (2024), de Juçara Gaspar;

O voto feminino/Josephina (Praxila e Numa Editora, 2024), de Josefina Álvares de Azevedo e Luciana Lyra.

Conheça nossos audiolivros, livros impressos e digitais:
youtube.com/@praxilaeditoracoes



PRAXILA
editorações

praxilaeditoracoes.com